

# No começo, era pura raiva

Raramente é uma paixão à primeira vista.  
Gostar da cidade é um aprendizado vagaroso

CONCEIÇÃO FREITAS

DA EQUIPE DO CORREIO

A primeira impressão é de estranhamento, um quase desconforto, uma certa inquietude, um quê de perplexidade ante a cidade singular. Passa-se, em seguida, para uma sensação de antipatia, daí para a raiva, e nos estágios mais extremos, para o ódio. Costumam ser essas as sensações e sentimentos iniciais de quem vem morar em Brasília.

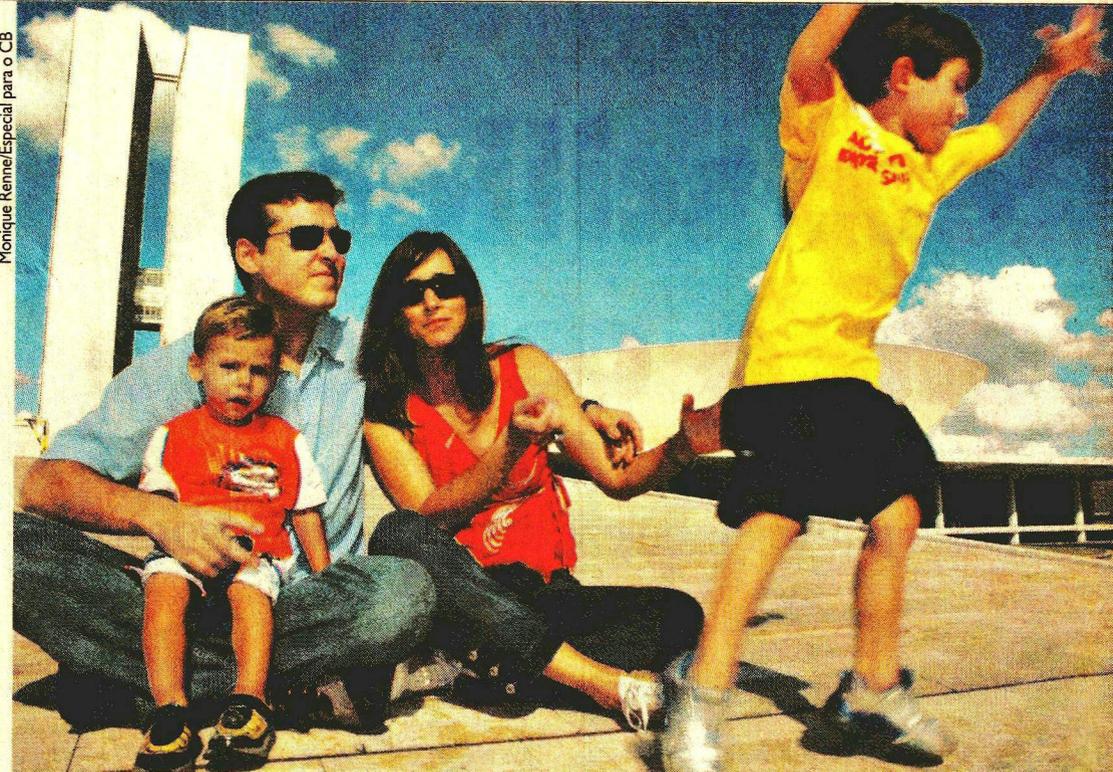
O ônibus tinha atravessado Valparaíso e já cortava o Núcleo Bandeirante quando o passageiro de uma das poltronas mais ao fundo leu a placa: Setor de Motéis. "Achei engraçado, que zona é essa?" Luís Maximiliano, 22 anos, advogado formado havia menos de seis meses, esticou o pescoço à espera da cidade. Fileiras de casas e de blocos de apartamentos, vastidões de áreas verdes, carros, viadutos, outdoors, mas cadê Brasília que nunca chega?

De malas na mão, abraçando o primo na Rodoferroviária, Luís ainda se perguntava: "Cadê a cidade? Onde está ela?". Fazia mais de 30 horas que ele sacolejava no ônibus, mas isso era nada perto do mistério persistente. Onde será que Brasília se esconde? O primo decidiu fazer um rápido percurso de apresentação da cidade ao mais novo morador da capital. Do Eixo Monumental, Luis avistou o Memorial JK — finalmente, reconheceu a cidade que via na televisão e, mais ou menos, conseguiu entender que já estava dentro de Brasília.

O jovem advogado tinha deixado sua cidade natal, Pelotas, e sua cidade de estudo, Cambuçu, na extremidade sul do mapa do Brasil, e avançado mais de 2,2 mil quilômetros até o centro do território, lugar que lhe era inteiramente desconhecido. "A primeira coisa que queria ver era o Congresso, queria ver o que a gente está acostumado a ver quase todo dia pela televisão", conta Luís Maximiliano. Foi possuído por uma forte sensação de brasilidade, logo ele, um gaúcho. Nem tão afeito ao bairrismo, porém, gaúcho.

As boas impressões ficaram por aí. "Brasília não passa de uma grande Cohab", dizia Maximiliano nos primeiros meses de Brasília. Irritava-se, e irrita-se até hoje com a prestação de serviços, sejam privados ou públicos. "É uma enrolação diária". Achava a cidade impessoal, exasperava-se com a falta de calçadas, estranhava a ausência de gente nas ruas. Procurava vida e só encontrava solidão. "Brasília é uma cidade que guetiza", declara Luís Maximiliano, com um apropriado neologismo.

Mas o advogado Luís Maximiliano é um homem teimoso. "Mesmo achando a cidade muito ruim, nunca pensei em voltar". Os dois primeiros anos foram de confronto diário, porém um conflito que se diluía aos poucos, mas que o novo morador nem se dava conta disso. Menos de um ano depois de chegar a Brasília, ele voltou à terra natal. Era final de 1997. Contava os dias e as horas que faltavam para o embarque que o levaria ao encontro dos seus afetos.



Monique Renne/Especial para o CB

LUÍS MAXIMILIANO, JANICE E OS FILHOS LUÍS GUILHERME E PEDRO LUÍS: LIÇÕES DIÁRIAS DE BRASILIDADE

Passadas as festas de fim de ano, tomou o avião de volta ao Planalto Central. Era um dia de sol, apesar de janeiro, quando ele cortou o Eixão. "Estou voltando de férias, mas não é para Pelotas, é para Brasília. É aqui que estou morando, é aqui que vou mudar a minha vida", dizia a si mesmo a caminho de casa. Aquele, lembra-se, foi o dia do insight, o dia em que caiu a ficha. "Me dei conta que minha casa era aqui e isso não ia mudar. Foi o primeiro passo para começar a gostar da cidade".

Luís Maximiliano decidira, por força das circunstâncias, a gostar de Brasília por bem ou por mal? Não, o que lhe aconteceu foi de outra ordem. Ao perceber que esse seria seu território por um tempo imensurável, ele permitiu que a cidade lhe mostrasse seus encantos. Por esse tempo, Luis conheceu uma moça, de nome Janice, filha de pioneiros, criada na nova capital desde pequena. Janice o apresentou a outros brasilienses e esses novos amigos deram a ele o segredo do cofre. "Comecei a conhecer as pessoas que amam Brasília, a circular no meio onde elas circulam".

Pegou de empréstimo o amor pela cidade. "Até então eu só conhecia gente que metia o pau em Brasília, e a partir daí passei a conviver com os filhos dos pioneiros. 'Essa cidade é minha, nossos pais ajudaram a construí-la' era o que eu mais ouvia", conta Maximiliano. "Descobri que Brasília não era só um ajuntamento de gente, que havia uma geração daqui, e essas pessoas me ajudaram a

construir um conceito positivo da cidade".

Ao mesmo tempo em que progredia em seu percurso profissional — de assessor de um deputado federal passou a procurador do município de Porto Alegre nos tribunais superiores e montou sua própria banca — Luís Maximiliano foi percebendo que a capital do país é um lugar de intensa brasilidade. "Em Porto Alegre, se você se senta numa mesa para tomar cerveja, 50% dela será do Grêmio e os outros 50% do Inter. Aqui, a mesa será muito mais rica. Você vai encontrar um botafoguense, um vascaíno, um rubro-negro, um corintiano. Em Brasília, a gente convive com o Brasil inteiro".

Aqui, Luís Maximiliano aprendeu "o sentimento de Brasil". Em Brasília, conheceu sotaques diversos, comidas de todas as regiões brasileiras, realidades diferentes de um mesmo país. "Fiquei mais perto da discussão dos problemas brasileiros. Conheci artistas, políticos, intelectuais, passei a frequentar mais cinemas e exposições. Sinto que tive um crescimento intelectual muito grande que talvez não tivesse tido na minha cidade".

Oito anos depois, casado com Janice, pai de dois meninos, o advogado Luís Maximiliano tem, nas paredes de seu escritório, fotos do Congresso, da Catedral e do Supremo Tribunal Federal durante a construção. "A grande virtude de Brasília não é social, não é econômica, não é geográfica. É ter incutido nos brasileiros a certeza de que, quando ele quer, pode fazer. Até o impossível ele pode fazer".